

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO CUIDADO À CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E NO SUPORTE FAMILIAR

NURSE'S ROLE IN CARE OF CHILDREN WITH AUTISTIC SPECTRUM DISORDER AND FAMILY SUPPORT

PAPEL DE LA ENFERMERA EN EL CUIDADO DEL NIÑO CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA Y EL APOYO FAMILIAR

Émille Santos Portugal¹
Robson Vidal de Andrade²
Roberta Messias Marques³

RESUMO: O transtorno do espectro autista é um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta a vida das crianças e de suas famílias. Nesse contexto, este estudo teve como objetivo verificar a atuação do enfermeiro no cuidado de crianças com transtorno do espectro autista, com foco nas estratégias utilizadas e no suporte às famílias, com o intuito de contribuir para uma melhor compreensão das práticas de enfermagem voltadas para o autismo. A pesquisa tratou-se de uma revisão integrativa, com abordagem qualitativa, desenvolvida por meio da revisão de literatura. Identificou-se no estudo que o transtorno do espectro autista é uma condição complexa, que gera implicações na vida das crianças e suas famílias, revelando a necessidade por cuidados de saúde adequados. Concluiu-se que, para atuar no cuidado de crianças com TEA e seus familiares, o enfermeiro necessita ter visão holística, atender às demandas da condição e utilizar estratégias para promover melhor cuidado, contribuindo para uma melhor organização da dinâmica familiar e para a melhoria da qualidade de vida desse público.

26

Palavras-chave: Autismo. Criança. Família. Cuidado de Enfermagem.

ABSTRACT: Autism spectrum disorder is a neurodevelopmental disorder that affects the lives of children and their families. In this context, this study aimed to verify the role of nurses in caring for children with autism spectrum disorder, focusing on the strategies used and support for families, with the aim of contributing to a better understanding of nursing practices aimed at the autism. The research was an integrative review, with a qualitative approach, developed through a literature review. The study identified that autism spectrum disorder is a complex condition, which has implications for the lives of children and their families, revealing the need for adequate health care. It was concluded that, to act in the care of children with ASD and their families, the nurse needs to have a holistic vision, meet the demands of the condition and use strategies to promote better care, contributing to a better organization of family dynamics and improving the quality of life for this public.

Keywords: Autism. Child. Family. Nursing Care.

¹Graduanda em Enfermagem pelo Centro de Ensino Superior de Ilhéus.

²Orientador. Mestre em Terapia Intensiva (SOBRATI), Graduação em Enfermagem pela Universidade Estadual de Santa Cruz, Coordenador do Curso de Enfermagem do Centro de Ensino Superior de Ilhéus.

³Coorientadora. Especialista em Saúde Pública: Habilitação Sanitarista (UESC) Graduação em Enfermagem pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Docente do Curso de Enfermagem do Centro de Ensino Superior de Ilhéus.

RESUMEN: El trastorno del espectro autista es un trastorno del desarrollo neurológico que afecta la vida de los niños y sus familias. En este contexto, este estudio tuvo como objetivo verificar el papel del enfermero en el cuidado de niños con trastorno del espectro autista, centrándose en las estrategias utilizadas y el apoyo a las familias, con el objetivo de contribuir para una mejor comprensión de las prácticas de enfermería dirigidas al autismo. La investigación fue una revisión integradora, con enfoque cualitativo, desarrollada a través de una revisión de la literatura. El estudio identificó que el trastorno del espectro autista es una condición compleja, que tiene implicaciones para la vida de los niños y sus familias, revelando la necesidad de una atención médica adecuada. Se concluyó que, para actuar en el cuidado de los niños con TEA y sus familias, el enfermero necesita tener una visión holística, atender las demandas de la condición y utilizar estrategias para promover una mejor atención, contribuyendo a una mejor organización de la dinámica familiar y mejorando la calidad de vida de este público.

Palabras clave: Autismo. Niño. Familia. Cuidados de enfermería.

1 INTRODUÇÃO

O transtorno do espectro autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento, tendo como principais características dificuldades de comunicação, comprometimento das relações sociais, além de padrões comportamentais estereotipados e repetitivos, que pode variar em termos de apresentação e gravidade (APA, 2022).

O autismo é uma condição complexa que afeta tanto a vida das pessoas diagnosticadas quanto à de suas famílias, necessitando de intervenções adequadas, além de ferramentas e estratégias para lidar com os desafios associados à condição que a acompanham (Pinto et al., 2016).

No âmbito da enfermagem, a compreensão sobre o autismo é essencial para o desenvolvimento de métodos que possam contribuir para a melhora da qualidade de vida das crianças portadoras do TEA e seus familiares. No entanto, é importante reconhecer que ainda existem lacunas no conhecimento sobre o assunto, dificultando no reconhecimento das ações voltadas para esse público (Nascimento et al., 2018).

A interação entre o enfermeiro, o indivíduo portador do TEA e seus familiares é de fundamental importância, exigindo do profissional enfermeiro uma abordagem holística e atenção especial às necessidades desses pacientes. Essa atenção excede a simples observação, demandando o entendimento das especificidades do espectro autista, adaptação de estratégias de comunicação e desenvolvimento de planos terapêuticos personalizados. Ao oferecer suporte, a equipe será capaz de melhorar a qualidade de vida do paciente, desenvolver habilidades sociais, preparação para uma integração mais madura na sociedade e na vida em geral (Sena et al., 2015).

Dados estatísticos apontam que o TEA é uma questão de saúde pública em escala global, com estimativas indicando uma prevalência considerável do transtorno em diversas regiões do

mundo. A incidência global é estimada em cerca de 70 milhões de pessoas, enquanto no Brasil, aproximadamente 2 milhões de indivíduos são afetados pelo transtorno. A prevalência é maior em meninos, com uma proporção de 3 para 1 em relação às meninas (Brasil, 2015).

Portanto, estratégias e iniciativas na área da saúde são necessárias para incorporar essas crianças e suas famílias nos sistemas de cuidados. A detecção precoce exerce um papel crucial no tratamento do TEA, proporcionando às crianças uma chance maior de experimentar melhorias substanciais nos sintomas ao longo de suas vidas (Teixeira, 2016).

Diante desse contexto, a pesquisa se debruçou sobre o problema de como o enfermeiro pode atuar no cuidado às crianças com Transtorno do Espectro Autista e no suporte familiar. A abordagem deste estudo se justificou pela crescente prevalência do TEA e sua relevância na sociedade atual. Além disso, a compreensão especializada do enfermeiro é essencial, dado que aprimora a prática clínica, sendo fundamental para a identificação precoce, a intervenção adequada e o apoio contínuo às famílias de pacientes com TEA.

Assim, o presente trabalho teve como objetivo geral verificar a atuação do enfermeiro no cuidado de crianças com transtorno do espectro autista, com foco nas estratégias utilizadas e no suporte oferecido às famílias. Para isso, os objetivos específicos foram descrever o transtorno do espectro autista quanto ao conceito, epidemiologia, sintomas, causas, diagnóstico e tratamento; enumerar as implicações do TEA na vida dos familiares, destacando as demandas por cuidados de saúde; e investigar o papel do enfermeiro na promoção de abordagens que facilitem o manejo do autismo infantil.

2 MÉTODOS

A metodologia adotada neste estudo foi a revisão integrativa da literatura, com abordagem qualitativa, realizada por meio da revisão de literatura, com o objetivo de verificar as principais descobertas e perspectivas de pesquisa relacionadas à temática atuação do enfermeiro no cuidado à criança com transtorno do espectro autista e no suporte familiar. Para sua elaboração, foram consultadas as seguintes bases de dados eletrônicas: National Library of Medicine (Pubmed), Sistema Online de Busca e Análise de Literatura Médica (Medline), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (Scielo), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs).

Para a realização das buscas foram utilizados os descritores derivados dos Descritores em Ciência da Saúde (DeCS): “Transtorno do Espectro Autista” “Assistência de Enfermagem”, “Cuidado de Enfermagem” “Autismo Infantil” e “Família”, utilizando os conectivos booleanos OR e AND.

Foram considerados como critério de inclusão apenas artigos disponíveis na íntegra e publicados nos últimos 10 anos, entre os anos 2014 e 2024, nos idiomas português e inglês. Foram excluídos artigos pagos, não publicados na íntegra, duplicados, com resultados não relevantes, publicações fora do recorte temporal e estudos que não abordassem diretamente sobre o autismo.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Transtorno do espectro autista

O transtorno do espectro autista configura-se como um transtorno que afeta o desenvolvimento neurológico humano desde a infância, manifestando-se por dificuldades na comunicação social, no comportamento e na linguagem. O espectro abrange diferentes níveis de comprometimento, variando desde casos mais leves, caracterizados por dificuldades imperceptíveis de adaptação e relativa independência funcional, até casos mais severos, nos quais há necessidade de suporte integral para o desempenho das atividades cotidianas. Essa condição apresenta variação nas formas de manifestação dos sintomas os quais tendem a comprometer o desenvolvimento do indivíduo ao longo da vida (Brasil, 2022; Zanon; Backes; Bosa, 2014).

A prevalência do transtorno tem sido amplamente debatida, com estudos recentes indicando um aumento nos diagnósticos em comparação com estimativas anteriores. Nos EUA, em 2020, 1 a cada 36 crianças de 8 anos de idade foi diagnosticada com TEA, um aumento em relação a 2018, quando a proporção era de 1 em cada 44. O diagnóstico é mais comum em meninos, sendo 3,8 vezes maior que em meninas, o que reflete maior conscientização e melhores métodos de detecção (CDC, 2023).

No Brasil, de forma semelhante, uma análise entre 2018 e 2019, realizada no Centro Especializado em Reabilitação (CER) II da Universidade do Estado do Pará, mostrou uma proporção de 3,3 meninos para cada menina, com a faixa etária mais prevalente entre 5 e 8 anos, o que também sugere uma detecção precoce. No aspecto educacional, 49% das crianças diagnosticadas frequentavam o ensino fundamental, enquanto 33% estavam na pré-escola,

destacando a importância de políticas de inclusão e apoio para esse público (Reis et al., 2019).

Apesar desse aumento observado na prevalência, existem limitações nos estudos que documentam essa tendência. Projeções indicam que, até 2050, a incidência de autismo entre crianças abaixo de 5 anos nos EUA poderá crescer em 42,7%, atingindo aproximadamente 76.000 casos. Todavia, para que essas estimativas sejam mais precisas, é fundamental superar desafios metodológicos e ampliar as pesquisas em regiões como o Brasil, a fim de obter estimativas mais precisas sobre a prevalência do TEA (Almeida; Neves, 2020).

Os sintomas do autismo podem variar entre os indivíduos e se manifestam na primeira infância. Embora possam surgir em diferentes idades, os comportamentos típicos do TEA tendem a emergir entre os 12 e 24 meses de vida. As principais características incluem dificuldades nas interações sociais e na comunicação, como menor resposta ao próprio nome, pouca reciprocidade social e redução do contato visual. Além disso, comportamentos repetitivos e interesses restritos e o uso atípico de objetos, são sinais comuns. Esses sintomas costumam levar pais e cuidadores a suspeitarem de TEA por volta dos 18 meses. No entanto, até os seis meses, não há diferenças comportamentais entre crianças com e sem o transtorno (Zwaigenbaum et al., 2015; SBP, 2019).

O TEA não possui uma causa única definida, sendo resultado de múltiplas influências, como a combinação de fatores genéticos e influências ambientais (Kim; Leventhal, 2015). De acordo com a American Psychiatric Association (2024), fatores como a síndrome do X Frágil, esclerose tuberosa, exposição a certos medicamentos durante a gravidez e ter um irmão com autismo aumentam o risco de diagnóstico. Entretanto, não há evidências que relacionem vacinas, raça, etnia ou status socioeconômico ao desenvolvimento do transtorno.

Steinman (2020) sugere outras possíveis causas, como distúrbios genéticos durante o desenvolvimento fetal, deficiência de vitamina D e uso de ácido valpróico na gestação. Ademais, infecções maternas, baixo peso ao nascer, síndrome de Down, síndrome de Rett e ter irmãos gêmeos também são fatores de risco. Teixeira (2016) reforça que fatores ambientais durante a gestação, como rubéola, encefalite, meningite, desnutrição materna e consumo de drogas ilícitas, podem estar associados ao autismo.

O diagnóstico do TEA é realizado através da avaliação clínica, que inclui a observação do comportamento da criança, entrevistas organizadas com os pais e a utilização de ferramentas diagnósticas específicas. Os critérios diagnósticos estão delineados no Manual Diagnóstico e

Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) (Gomes et al., 2015) e na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID). Ao longo dos anos, esses critérios passaram por revisões e atualizações, proporcionando uma maior precisão na categorização e diagnóstico do TEA (Fernades; Tomazelli; Girianelli, 2020).

Nas novas atualizações, o DSM-5-TR estabelece critérios baseados em dois domínios principais: dificuldades contínuas na comunicação e interação social, e padrões de comportamento limitados e repetitivos, que devem se manifestar desde a infância e impactar o funcionamento diário. A avaliação da gravidade do TEA leva em consideração o nível de suporte necessário, classificado em três níveis: nível 1 que necessita de apoio, nível 2 que necessita de apoio substancial e nível 3 que necessita de apoio muito substancial. Esses níveis ajudam a determinar o suporte necessário para o manejo do TEA (APA, 2022). Na CID-11, o TEA é identificado pelo código 6A02, caracterizado por dificuldades na comunicação e na interação social, juntamente com comportamentos limitados e repetitivos, interesses ou atividades. Esses critérios são avaliados considerando o desenvolvimento geral, incluindo o nível de habilidade intelectual e a funcionalidade da linguagem (OMS, 2019).

O tratamento do TEA fundamenta-se em intervenções psicossociais, com destaque para as abordagens comportamentais, que buscam aprimorar a interação social, as habilidades de comunicação, a independência e promover práticas eficazes de inclusão educacional. Além disso, essas intervenções incluem programas de treinamento que capacitam os pais a interagir de maneira mais assertiva com seus filhos, contribuindo para a redução de dificuldades relacionadas à comunicação e ao comportamento social. (Lord et al., 2018; OPAS, 2020).

3.2 Implicações do TEA na vida dos familiares

As famílias de crianças com autismo lidam com inúmeros desafios que permeiam tanto o aspecto emocional quanto a prática do cuidado diário. Essas dificuldades impactam a dinâmica familiar e a qualidade de vida de todos os envolvidos (Gomes et al., 2015). O diagnóstico de uma enfermidade crônica, como o autismo, é a principal dificuldade a ser enfrentada, pois ao perceber que a criança apresenta características fora dos padrões considerados normais de desenvolvimento gera repercussões no ambiente familiar. Esse momento inicial do diagnóstico desencadeia diversas reações emocionais, como choque, negação, medo, culpa e luto, marcado

por altos níveis de estresse, enquanto tentam se adaptar as novas responsabilidades que surgem em resposta às necessidades da criança (Pinto et al., 2016).

Adicionalmente, as famílias enfrentam outros obstáculos, como o preconceito, que se manifesta tanto no contexto extrafamiliar, quanto no intrafamiliar, prejudicando a qualidade dos vínculos afetivos, afetando as relações internas e contribuindo para o isolamento das famílias. Somado a isso, a carência de profissionais qualificados que forneçam orientações claras sobre o autismo resulta em um aumento da insegurança e em dificuldades na tomada de decisões relacionadas ao cuidado (Mapelli et al., 2018).

Nesse enquadramento, é importante reconhecer que as famílias desempenham um papel central na vida das crianças com autismo, funcionando como base de apoio e estímulo para seu desenvolvimento. Assim, não só a criança necessita de apoio, é igualmente indispensável que as famílias recebam suporte social e de profissionais de saúde qualificados (Moraes; Bialer; Lerner, 2021). Esse suporte deve incluir escuta, acolhimento, informações adequadas, que ajudem as famílias a lidar com o sofrimento emocional e com o enfrentamento da condição do filho (Weissheimer et al., 2021).

O enfermeiro, nesse contexto, reconhece o sofrimento familiar diante do adoecimento de um de seus membros, oferecendo suporte em suas demandas e promovendo estratégias de cuidado que facilitem o enfrentamento e a adaptação a essa nova realidade (Bonfim et al., 2020). À vista disso, o atendimento oferecido deve priorizar um cuidado de qualidade. Cada núcleo familiar apresenta necessidades e fragilidades particulares, relacionadas à sua organização e estrutura, o que exige que o enfermeiro compreenda essa dinâmica, por meio de consultas, escuta ativa e análise do ambiente domiciliar, podendo contribuir para uma melhor organização da dinâmica familiar (Magalhães et al., 2021).

3.3 O papel do enfermeiro no manejo do TEA

O enfermeiro exerce um papel importante no manejo do cuidado da criança com TEA. É de sua responsabilidade criar e manter um ambiente adequado para o cuidado desse paciente, visto que é o profissional que o acompanha de forma constante. Além de auxiliar no desenvolvimento da autoestima e promover o autocuidado, o enfermeiro também desempenha um papel fundamental nas interações sociais da criança, facilitando sua comunicação com a equipe de saúde e estimulando a reintegração social (Sena et al., 2015; Magalhães et al., 2020).

A atuação do enfermeiro inicia desde a atenção primária à saúde, principalmente nas

consultas de puericultura, onde são avaliados o crescimento e o desenvolvimento infantil. Nessa etapa, é possível observar se a criança se desenvolve de maneira típica, ou se apresenta alguma alteração, como sinais e sintomas do TEA. Durante as consultas de enfermagem, o profissional realiza entrevistas com os pais ou cuidadores para investigar a história social, familiar e de saúde do infante, permitindo intervenções adequadas quando necessário (Nascimento et al., 2018).

Estudos indicam que o TEA interfere na capacidade para o autocuidado das crianças. As principais limitações observadas envolvem dificuldades em realizar atividades rotineiras de forma independente, como higiene bucal, alimentação, vestir-se e calçar-se. Por isso, as intervenções do enfermeiro devem focar em identificar esses déficits no autocuidado, trabalhando em conjunto com a criança e a família. As estratégias adotadas devem assegurar um suporte abrangente e eficaz, capaz de desenvolver na criança independência para realizar as atividades diárias, contribuindo para melhoria das práticas da vida (Magalhães et al., 2022).

Ainda no contexto do autocuidado, para que os cuidados de enfermagem alcancem maiores efetividades, é necessário utilizar métodos que permitam que às crianças desenvolvam habilidades de autocuidado (Magalhães et al., 2022). Um estudo demonstrou a eficácia de recursos lúdicos personalizados para promover o autocuidado em crianças com TEA, fundamentado na teoria do autocuidado de Dorothea Orem, utilizando a Social Stories. Essa ferramenta auxilia na compreensão das interações sociais e a realização de atividades de autocuidado, permitindo troca de informações segura entre os pais, profissionais e crianças em diferentes idades. O uso desse método evidenciou melhorias na autonomia, aptidão motora, atenção e na capacidade de trabalhar em grupo à medida em que se estabelece metas (Rodrigues et al., 2017).

Além disso, uma pesquisa revelou a utilização da intervenção musical pelo enfermeiro no cuidado de crianças com autismo. A música, quando aplicada como ferramenta terapêutica, favoreceu a interação, comunicação e mudança de comportamento nas crianças com TEA. Esse recurso lúdico demonstrou ser fundamental para o bem-estar emocional, social e cognitivo da criança. Ao incorporar essas práticas no cuidado, o enfermeiro estimula o desenvolvimento e a experimentação, potencializando os resultados terapêuticos de forma positiva (Franzoi et al., 2016).

Todavia, o conhecimento sobre o transtorno do espectro autista por parte do enfermeiro ainda é insuficiente, e por vezes este demonstra não conhecer a condição, mostrando-se pouco

preparado para atender adequadamente esses pacientes. Portanto, faz-se necessário que o enfermeiro busque continuamente aprimorar seus conhecimentos sobre o TEA (Sena et al., 2015; Magalhães et al., 2020).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para analisar os artigos selecionados para a pesquisa, foi elaborado um quadro para coletar, sintetizar e organizar as informações de forma estruturada. No quadro 1, os artigos foram agrupados com as seguintes informações: autores/ano de publicação, título, objetivos (que orientaram a análise dos artigos selecionados), delineamento metodológico e discussão.

Quadro 1- Artigos pertencentes ao estudo, 2024.

AUTORES/ ANO DE PUBLICAÇÃO	TÍTULO	OBJETIVOS	DELINEAMENTO METODOLÓGICO	DISCUSSÃO
Brasil, 2022.	TEA: saiba o que é o Transtorno do Espectro Autista e como o SUS tem dado assistência a pacientes e familiares.	Descrever o transtorno do espectro autista quanto ao conceito, epidemiologia, sintomas, causas, diagnóstico e tratamento.		Os autores concordam que o TEA é uma condição complexa que afeta o neurodesenvolvimento humano. Eles destacam dificuldades nas áreas de comunicação social, comportamento, linguagem, além de variações nos níveis de comprometimento.
Zanon; Backes; Bosa, 2014.	Identificação dos primeiros sintomas do autismo pelos pais.		Estudo retrospectivo e descritivo.	
CDC, 2023.	Prevalence and characteristics of autism spectrum disorder among children aged 8 years — autism and developmental disabilities monitoring network, 11 sites,	Descrever o transtorno do espectro autista quanto ao conceito, epidemiologia, sintomas, causas, diagnóstico e tratamento.	Estudo realizado por meio da Autism and Developmental Disabilities Monitoring (ADDM) Network, que estima a prevalência do TEA em crianças de 8 anos nos EUA, com base	De acordo com as análises dos três autores, ambos concordam que existem crescentes elevações na prevalência do TEA em diferentes regiões, além de tendências diagnósticas mais frequentes em meninos do que em

Reis et al., 2019.	United States, 2020. Perfil epidemiológico dos pacientes com Transtorno do Espectro Autista do Centro Especializado em Reabilitação.		em registros clínicos e educacionais de 11 localidades. Estudo observacional, transversal e descritivo.	meninas, refletindo avanços nos métodos diagnósticos e maior conscientização social sobre o autismo. No entanto, Almeida; Neves (2020) destacam que existem limitações metodológicas que dificultam estimativas mais precisas sobre o TEA, como pesquisas insuficientes em determinadas regiões.
Almeida; Neves, 2020.	Popularização Diagnóstica do Autismo: uma Falsa Epidemia?		Investigação teórica.	
Zwaigenbaum et al., 2015.	Early Identification of Autism Spectrum Disorder: Recommendations for Practice and Research.	Descrever o transtorno do espectro autista quanto ao conceito, epidemiologia, sintomas, causas, diagnóstico e tratamento.	Revisão bibliográfica.	Os autores concordam que os sintomas do TEA costumam surgir na primeira infância, especialmente entre os 12 e 24 meses de idade. O TEA tem como características principais dificuldades nas interações sociais, na comunicação e comportamentos atípicos, tendo variações entre os indivíduos.
SBP, 2019.	Manual de Orientação do Transtorno do Espectro do Autismo.			
Kim; Leventhal, 2015.	Genetic Epidemiology and Insights into Interactive Genetic and Environmental Effects in Autism Spectrum Disorders.	Descrever o transtorno do espectro autista quanto ao conceito, epidemiologia, sintomas, causas, diagnóstico e tratamento.	Análise da literatura sobre a etiologia do TEA.	Os autores consentem que não há uma causa específica para o transtorno do espectro autista, sendo importante considerar aspectos genéticos e ambientais no desenvolvimento da condição.
American Psychiatric Association, 2024.	What Is Autism Spectrum Disorder.			

Steinman, 2020.	The putative etiology and prevention of autism.			
Teixeira, 2016.	Manual do Autismo.			
Gomes et al., 2015.	Autism in Brazil: a systematic review of Family challenges and coping strategies.	Descrever o transtorno do espectro autista quanto ao conceito, epidemiologia, sintomas, causas, diagnóstico e tratamento.	Revisão sistemática da literatura.	Os autores estão de acordo que o diagnóstico do TEA deve ser realizado por meio de uma avaliação clínica abrangente e pelo uso de ferramentas como o DSM. Fernades; Tomazelli; Girianelle, 2020 incluem também a CID nesse processo. Ambas as ferramentas auxiliam no diagnóstico e no suporte para o manejo do TEA.
Fernades; Tomazelli; Girianelle, 2020.	Diagnóstico de autismo no século XXI: evolução dos domínios nas categorizações nosológicas.		Pesquisa documental.	
APA, 2022.	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.		Estudo descritivo, com base em revisões de literatura.	
OMS, 2019.	Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-11).			
Lord et al., 2018.	Autism spectrum disorder.	Descrever o transtorno do espectro autista quanto ao conceito, epidemiologia, sintomas, causas, diagnóstico e tratamento.	Revisão de literatura.	Os autores estão de acordo que o tratamento do TEA inclui intervenções psicossociais que melhorem as dificuldades na comunicação e na interação social. Além de enfatizar a importância da participação das famílias nas intervenções.
OPAS, 2020.	Transtorno do espectro autista.			

Gomes et al., 2015.	Autism in Brazil: a systematic review of Family challenges and coping strategies.	Enumerar as implicações do TEA na vida dos familiares, destacando as demandas por cuidados de saúde.	Revisão sistemática da literatura.	Os autores concordam que as famílias de crianças com autismo enfrentam desafios emocionais e no cuidado diário. Eles destacam que o diagnóstico do TEA é um momento complexo, que desencadeia reações emocionais intensas. Além disso, as famílias enfrentam situações sociais que impactam suas relações internas e externas.
Pinto et al., 2016.	Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares.		Estudo exploratório-descriptivo de abordagem qualitativa.	
Mapelli et al., 2018.	Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar.		Pesquisa descritiva, qualitativa.	
Moraes; Bialer; Lerner, 2021.	Clínica e pesquisa do autismo: olhar ético para o sofrimento da família.	Enumerar as implicações do TEA na vida dos familiares, destacando as demandas por cuidados de saúde.	Revisão bibliográfica.	Os autores concordam ao reconhecer que a família é essencial no tratamento das crianças com TEA. Ressaltam, ainda, a importância de oferecer suporte social e assistência de profissionais de saúde para auxiliar no enfrentamento do sofrimento vivenciado diante da descoberta do diagnóstico do filho.
Weissheimer et al., 2021.	Informational support or families of children with autism spectrum disorder.		Pesquisa qualitativa e descritiva.	
Bonfim et al., 2020;	Family experiences in discovering Autism Spectrum Disorder: implications for family nursing.	Enumerar as implicações do TEA na vida dos familiares, destacando as demandas por cuidados de saúde.	Estudo de abordagem qualitativa, descritiva.	Em conformidade com os autores, o enfermeiro desempenha um papel importante no cuidado às famílias de crianças com TEA, oferecendo suporte adequado, reconhecendo suas demandas específicas e implementando estratégias de cuidados que facilitem o enfrentamento e adaptação à nova
Magalhães et al., 2021.	Vivências de familiares de crianças diagnosticadas com Transtorno do		Estudo qualitativo e descritivo.	

	Espectro Autista.			realidade.
Sena et al., 2015.	Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil.	Investigar o papel do enfermeiro na promoção de abordagens que facilitem o manejo do autismo infantil.	Pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa.	Os autores enfatizam a relevância da atuação do enfermeiro no cuidado às crianças com TEA, destacando a responsabilidade desse profissional em criar um ambiente favorável ao cuidado, contribuindo para o desenvolvimento do autocuidado e das relações sociais das crianças. Nascimento et al., 2018, acrescentam que a atuação do enfermeiro inicia na atenção primária à saúde, com a avaliação do crescimento e desenvolvimento da criança, possibilitando a identificação de sinais e sintomas do TEA. Sena et al., 2015 e Magalhães et al., 2020 ressaltam a necessidade de o enfermeiro aprimorar continuamente seus conhecimentos sobre o TEA.
Magalhães et al., 2020.	Assistência de enfermagem à criança autista: revisão integrativa.		Revisão integrativa da literatura, de abordagem sistemática.	
Nascimento et al., 2018.	Transtorno do espectro autista: detecção precoce pelo enfermeiro na Estratégia Saúde da Família.		Pesquisa descritiva exploratória de abordagem qualitativa.	
Magalhães et al., 2022.	Diagnósticos e intervenções de enfermagem em crianças com transtorno do espectro autista: perspectiva para o autocuidado.	Investigar o papel do enfermeiro na promoção de abordagens que facilitem o manejo do autismo infantil.	Estudo exploratório e descritivo, com abordagem qualitativa.	Os autores concordam sobre a relevância da utilização de métodos lúdicos no cuidado do TEA. Eles evidenciam que essas estratégias promovem melhorias no desenvolvimento comportamental, nas interações sociais e nas habilidades do autocuidado.
Rodrigues et al., 2017.	Autocuidado da criança com		Estudo qualitativo, descritivo, prospectivo.	

Franzoi et al., 2016.	espectro autista por meio das Social Stories. Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com transtorno do espectro do autismo em um centro de atenção psicossocial.		Relato de experiência.	
-----------------------	--	--	------------------------	--

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O transtorno do espectro autista abordado nesse estudo, foi de alta relevância, pois foi descrito suas características principais, importante para o conhecimento dos profissionais de saúde, especialmente os enfermeiros.

Vinculado a isso, o estudo destacou as implicações do TEA na vida dos familiares, evidenciando que o diagnóstico do autismo gera repercussões sobre as relações do núcleo familiar. Para tornar esse processo menos angustiante, o enfermeiro deve praticar a escuta ativa, esclarecer dúvidas e fornecer informações adequadas à família.

Verificou-se, também, a importância da atuação do enfermeiro no cuidado às crianças com TEA, visto que esse profissional proporciona atendimento adequado e atende às necessidades individuais de cada criança, promovendo o autocuidado e a interação social, utilizando-se de estratégias para potencializar os resultados terapêuticos positivos.

Ressalta-se ainda, que o enfermeiro apresenta lacunas no conhecimento a respeito do autismo. Revelando que esse profissional necessita da busca constante de conhecimento e investimento na qualificação profissional, que o conduzam para melhorias na prática do cuidar.

Em síntese, para atuar no cuidado de crianças com transtorno do espectro autista, deve-se ter um olhar holístico, tanto para a criança quanto para as famílias.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. L.; Neves, A. S. A. Popularização Diagnóstica do Autismo: uma Falsa Epidemia? **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, p. e180896, 2020.
- AMERICAN Psychiatric Association (APA). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DMS-5-TR. 5^a ed. **rev. Porto Alegre**: Artmed, 2022.
- AMERICAN Psychiatric Association (APA). **What Is Autism Spectrum Disorder**. American Psychiatric Association. Washington, DC, 2024.
- BONFIM, T. de A.; Giacon-Arruda, B. C. C.; Hermes-Uliana, C; Galera, S. A. F; Marcheti M. A. Family experiences in discovering Autism Spectrum Disorder: implications for family nursing. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 73, n. suppl 6, p. e20190489, 2020.
- BRASIL. **Autismo afeta cerca de 1% da população**. Secretaria de Saúde do Estado de Minas Gerais. Minas Gerais, 2015.
- BRASIL. **TEA**: saiba o que é o Transtorno do Espectro Autista e como o SUS tem dado assistência a pacientes e familiares. Ministério da Saúde. Brasília, DF. 2022.
- CENTERS for Disease Control and Prevention (CDC). Prevalence and characteristics of autism spectrum disorder among children aged 8 years — autism and developmental disabilities monitoring network, 11 sites, United States, 2020. **Morbidity and mortality weekly report. Surveillance summaries: MMWR**, v. 72, n. 2, p. 1-14, 2023.
- FERNANDES, C. S.; Tomazelli, J.; Girianelli, V. R. Diagnóstico de autismo no século XXI: evolução dos domínios nas categorizações nosológicas. **Psicol. USP**, vol.31, 2020.
- FRANZOI, M. A. H.; Santos, J. L. G. do.; Backes, V. M. S.; Ramos, F. R. S. Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com transtorno do espectro do autismo em um centro de atenção psicossocial. **Texto e Contexto enferm**, v. 25, n. 1, p. e1020015, 2016.
- GOMES, P. T. M.; Lima, L. H. L.; Bueno, M. K. G.; Araújo, L. A. A.; Souza, N. M. Autism in Brazil: a systematic review of Family challenges and coping strategies. **Jornal de Pediatria**, v. 91, n. 2, p. 111-121, 2015.
- KIM, Y. S.; Leventhal, B. L. Genetic Epidemiology and Insights into Interactive Genetic and Environmental Effects in Autism Spectrum Disorders. **Biological psychiatry**, v. 77, n. 1, p. 66-74, 2015.
- LORD, C.; Elsabbagh, M.; Baird, G.; Veenstra-Vanderweele J. Autism spectrum disorder. **Lancet**, v. 392, n. 10146, p. 508-520, 2018.
- MAGALHÃES, J. M; Lima, F. S. V; Silva, F. R. de O; Rodrigues, A. B. M; Gomes, A. V. Assistência de enfermagem à criança autista: revisão integrativa. **Enferm. Glob.**, v. 19, n. 58, p. 531-559, 2020.
- MAGALHÃES, J. M, Rodrigues, T. A; Rêgo Neta, M. M, Damasceno, C. K. C. S; Sousa, K. H. J. F; Arisawa, E. A. L. S. Vivências de familiares de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista. **Rev Gaúcha Enferm**. 2021.
- MAGALHÃES, J. M.; Sousa, G. R. P. de.; Santos, D. S. dos.; Costa, T. K. dos. S. L.; Gomes, T. M. D.;

Rêgo Neta, M. M.; Alencar, D. de. C. Diagnósticos e intervenções de enfermagem em crianças com transtorno do espectro autista: perspectiva para o autocuidado. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, v. 36, 2022.

MAPELLI, L. D.; Barbieri, M. C.; Castro, G. V. D. Z. B.; Bonelli, M. A.; Wernet, M.; Dupas, G. Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm**, v. 22, n. 4, p. e20180116, 2018.

MORAES, A. V. P. M; Bialer, M. M; Lerner, R. Clínica e pesquisa do autismo: olhar ético para o sofrimento da família. **Psicol. Estud.**, 2021.

NASCIMENTO, Y. C. M. L.; Castro, C. S. C. de.; Lima J. L. R. de.; Albuquerque, M. C. S. de.; Bezerra, D. G. Transtorno do espectro autista: detecção precoce pelo enfermeiro na Estratégia Saúde da Família. **Rev baiana enferm**, Salvador, v. 32, 2018.

OPAS/OMS. Organização Pan-Americana de Saúde. **Transtorno do espectro autista**. Brasília, DF. 2020.

ORGANIZAÇÃO Mundial da Saúde (OMS). **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-11)**. 11^a ed. Genebra: OMS, 2019.

PINTO, R. N. M.; Torquato, I. M. B.; Collet, N.; Reichert, A. P. da. S.; Souza Neto, V. L. de.; Saraiva, A. M. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Revista gaúcha de enfermagem**, v. 37, n. 3, p. e61572, 2016.

REIS, D. D. de. L.; Neder, P. R. B.; Moraes, M. da. C.; Oliveira, N. M. Perfil epidemiológico dos pacientes com Transtorno do Espectro Autista do Centro Especializado em Reabilitação. **Pará Research Medical Journal**, Belém, Brasil, v. 3, n. 1, p. 1-8, 2019.

RODRIGUES, P. M. da. S.; Albuquerque, M. C. dos. S de.; Brêda, M. Z.; Bittencourt, I. G. de. S.; Melo, G. B. de.; Leite, A. de. A. Autocuidado da criança com espectro autista por meio das Social Stories. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm**, v. 21, n. 1, p. e20170022, 2017.

SENA, R. C. F. de.; Reinalde, E. M.; Silva, G. W. dos. S.; Sobreira, M. V. S. Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. **Rev. Pesqui**, (Univ. Fed. Estado Rio J., Online), 2015.

SOCIEDADE brasileira de pediatria (SBP). **Manual de Orientação Transtorno do Espectro do Autismo**. Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento. n. 5, p. 1-24, 2019.

STEINMAN, G. The putative etiology and prevention of autism. **Prog Mol Biol Transl Sci**, vol. 173, 2020.

TEIXEIRA, G. **Manual do Autismo**. Rio de janeiro. 2016.

WEISSHEIMER, G.; Mazza, V. de. A.; Freitas, C. A. S. L.; Silva, S. R. da. Informational support or families of children with autism spectrum disorder. **Revista gaucha de enfermagem**, v. 42, p. e20200076, 2021.

ZANON, R. B.; Backes, B.; Bosa, C. A. Identificação dos primeiros sintomas do autismo pelos pais. **Psicologia Teoria e Pesquisa**, v. 30, n. 1, p. 25-33, 2014.

ZWAIGENBAUM, L.; Bauman, M. L.; Stone, W. L.; Yirmiya, N.; Estes, A.; Hansen, R. L.; McPartland, J. C.; Natowicz, M. R.; Choueiri, R.; Fein, D; Kasari, C.; Pierce, K.; Buie, T.; Carter, A.; Davis, P. A.; Granpeesheh, D.; Mailloux, Z.; Newschaffer, C.; Robins, D.; Roley, S. S.; Wagner, S.; Wetherby, A. Early Identification of Autism Spectrum Disorder: Recommendations for Practice and Research. **Pediatrics**, v. 136, n. Supplement_1, p. S10–S40, 2015.